

O ÚLTIMO DIA
DA
PIDE

26 de Abril
no Porto

EDIÇÃO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DO PORTO

O ÚLTIMO DIA PIDE 26 de Abril no Porto

Profissão do
PAUL CASTRO

DISTRIBUIÇÃO DA EDITORIAL INOVA / APARTADO 466 / PORTO

EDIÇÃO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DO PORTO

FOTOGRAFIAS DE
António Amorim

POEMAS DE
Orlando da Costa
SEMPRE OOC
(Pág. 91)
Luis Viegas Leitão
PREDILECIONE
(Pág. 27)
Eduardo Gonçalves
OLHARÃO SÓ A APARENÇA DOMÉSTICA
(Pág. 27)
Fernando J. B. Marinho
DIRE LADO DO MUNDO
(Pág. 27)
Fernando Assis Pacheco
A MINHA GERAÇÃO
(Pág. 43)
João Rui de Sousa
METAMORFOSES
(Pág. 43)
Daniel Filipe
PATRIMONIAL DE EXÍLIO
(Pág. 47)
Papiniano Carlos
A GUERRA
(Pág. 47)
Luis Ducla Soares
POEMA
(Pág. 47)
DEPOIMENTOS DE EXPRESOS POLÍTICOS
(Pág. 72)

PREFÁCIO

Noquele sinistro casulo, que faz esquina da Rua do Heroísmo com o Largo de Soares dos Reis (egore Largo de Catarina Eulália), e onde muitas pessoas mudavam de passo para se afastarem da sua proximidade, funcionou, durante longos anos, a Delegação no Porto da PIDE, a que Marcelo Caetano, numa rara mudança de designação, passou a chamar DGS. A PIDE-DGS do Porto tinha duas entradas: uma pelo Largo de Soares dos Reis, com escadas de passadeira e contínuas tardades, era a entrada para simples ver, a entrada oficial, onde eram atendidos os que ali eram chamados ou iam tratar de qualquer problema de passaportes, nomeadamente os estrangeiros; a outra era a face real da PIDE, na Rua do Heroísmo (e nunca nome de uma rua foi tanto o símbolo dos que lá entravam e conseguiram resistir às torturas), um portão de ferro, com uma pequena porta de entrada, a dois palmos do chão, que só se abria para deixar entrar os presos ou os seus familiares, que os iam visitar, e que estabelecia contacto com o átrio de acesso às prisões (estas, quartos e salas) e ao curto lanço de escadas de acesso, pelo lado real, do edifício onde funcionavam todos os departamentos da PIDE-DGS, desde as salas de escuta telefónica e gravação, até aos gabinetes dos chefes, inspectores e director, e àqueles, no último andar, onde os presos eram interrogados e torturados. Quem entrava pela escada de passadeira do Largo de Soares dos Reis, e assim não possuía desta parte do edifício, nunca podia fazer ideia de tudo aquilo que

5

constituía a verdadeira PIDE, e que estava para lá daquela fachada. Esta série de fotografias de Delegação no Porto da PIDE-DGS, obtidas logo após o 25 de Abril, desde a complicada aparelhagem de escuta telefónica e gravação, os montes de livros apreendidos, as peças de processos individuais, que vão até ao número 53067, o enorme ficheiro de 20 govetas, o parlatório das visitas, o arsenal de armas amontoadas, o luxo do gabinete do director contrastando com a pobreza rudimentar das salas dos presos, até aos relatórios, meio calcinados, de gravações telefónicas, o envelope apreendido durante corte, agentes da PIDE-DGS escondendo as caras, já condondados sob prisão, à alegria da saída dos presos e a essa extraordinária imagem de um soldado erguendo um ramo de cravos no meio da alegria de milhares de populares, que, até à hora da rendição da PIDE, apoiaram as Forças Armadas, estando sempre a seu lado, constituem imagens que se não podem esquecer. Sem seriam tudo o que era a sede da PIDE no Porto — basta lembrar a falta de fotografias das celas subterrâneas onde os presos, às escuras ou com a escassa luz dos estreitos postigos gradeados à altura das pernas de quem passava na Rua do Heroísmo, cumpriram longos períodos de chamada incomunicabilidade, com um balde a substituir as funções de retrete, constituem, porém, um primeiro documentário sobre as instalações da PIDE-DGS que ilustra os brutais e macabrilicos métodos de actuação desta polícia do fascismo português, que foi um dos seus órgãos fundamentais para a implantação e a sobrevivência do regime de domínio violento das mais reaccionárias camadas do grande capital monopolista sobre o povo português, durante quarenta e oito anos.

Forçada a organizar-se, em moldes de legalização, em 1945, com a vitória das Nações Unidas sobre o fascismo, a PIDE apresentava, em relação aos processos crimes de direito comum, a inédita peculiaridade de os seus processos políticos, após as declarações dos arguidos, apresentarem em seguida a alíngao, subscritte por dois agentes, de que aquelas

declarações tinham sido prestadas num qualquer espécie de coação ou violência, como se essa não fosse só por si a própria entrada do preso na PIDE, dado o power que a sua actuação despertava na generalidade das pessoas, e como se violência não fosse também prisão por meros delitos de opinião e todo o regime penal dos presos políticos, sujeitos, além do mais, a um regime ilegal de seis meses de prisão preventiva! Durante perto de vinte anos, todos os processos organizados pela PIDE aos presos políticos não deixavam de acrescentar às declarações dos arguidos esta afirmação abonatória, subscrita por dois agentes, de que as declarações, assim obtidas através dos mais sordidos meios de tortura, estiveram sendo prestadas sem qualquer espécie de coação ou violência. E só depois de, nos julgamentos dos Tribunais Plenários, os advogados que defendiam os presos políticos começarem a denunciar tal fórmula como prova indirecta da coação e da violência nos interrogatórios e respectivas declarações, pois se elas não existissem não seria preciso admitir a sua probabilidade e negá-la sistematicamente, a PIDE acabou por abandonar a fórmula, que mais é compromisaria do que a defendia, e o contrário das suas intenções.

Era, de resto, tal o estado de coação dos presos que, em 1931, após o assassinato pelo PSP do estudante João Martins Branco, no oficial da PSP que comandava o assalto à reunião dos estudantes do Porto, estudantes de Medicina, mandaram, pelo correio, a cabeça dum cadáver, a PIDE prendeu diversos estudantes, entre eles António Ramos de Almeida, que viria a ser um conhecido escritor e lutador antifascista, infelizmente já há anos falecido, e que tinha então apenas 17 anos. Conduzido à presença de um chefe da PIDE para ser interrogado, em cuja secretaria estava a cabeça do cadáver enviada ao oficial da PSP, e à pergunta se sabia de quem era aquela cabeça, Ramos de Almeida, tal era já em 1931 a reputação da PIDE, e tão alto esteve à acusação, que respondeu ser aquela a cabeça dum preso.

A quem, desde 1949, pode prestar, a mais de vinte

ta presos políticos, a solidariedade de tomar a sua defesa, em trinta e dois processos, estas imagens são insuperáveis das ruínas de tantos dos melhores filhos do nosso Povo que passaram pelo Delegado no Porto da PIDE-DGS e ali foram torturados, com as mais requintadas torturas, desde o isolamento de semanas e meses, em celas subterrâneas, até às salváticas agressões a soco, a pontapé e a cavalo-marinha, aos insultos mais zombiosos e a extrema privação de sono, durante dias e noites consecutivas. Rever as instalações da PIDE é, necessariamente, recordar, além de tantos outros, os 15 mineiros de São Pedro de Cova, ali presos em 1959, os 75 trabalhadores de Fafe, ali presos em 1957, os 5 trabalhadores das Custóias, igualmente ali presos em 1950, os 4 padres do Porto, também ali presos em 1959, e até praticamente uma aldeia inteira de Montalegre, com homens e mulheres, velhos e novos, que encheu as prisões da PIDE, sob a acusação de ter ajudado aos guerrilheiros espanhóis que se haviam refugiado em Portugal, após o termo da guerra civil espanhola.

E recordar igualmente tantas antifascistas que por ali passaram, a maior parte várias vezes, e ali sofreram corposamente longas prisões, com todo o seu cortaço de arbitriações e prepotências, como Ruy Luiz Gomes, Oscar Lopes, Virgínia Moura, Lobão Vital, António Mamede, Mário e Carlos Cal Brändão, do Porto; Vitor da Sá e Humberto Soárez, de Braga; Lino Lima, de Vila Nova de Famalicão; António Ribeira da Silva, de Viana do Castelo; e tantos outros cuja enumeração seria praticamente infinitável.

E evocar ainda os militantes do Partido Comunista Português, o grande Partido de resistência contra o fascismo em Portugal, sobre os quais a PIDE desencadeou sempre a mais feraz repressão, submetendo-os às mais violentas formas de tortura, sem conseguir vingar a sua permanente luta de luta contra o fascismo até com desprezo da própria vida, para o que bastaria lembrar os nomes de alguns destes heróis da luta antifascista que continuam hoje um combate que iniciaram há já longos anos, em plena juventude, e que

12

na Delegação no Porto da PIDE conseguiram a sofrer as brutais torturas, como Carlos Costa, de Fafe, em 1948, com pouco mais de vinte anos, mantido isolado durante cinco meses, e cujo pai foi preso como réu, durante 20 dias, numa odiosa tentativa de obrigar Carlos Costa a ceder, e cuja absoluta negativa lhe havia de valer a absolvição no Plenário mas a condenação em medida de segurança de internamento de 6 meses a 3 anos, por ser considerado «perigoso», o que constitui o único caso de aplicação somente de medida de segurança no Plenário do Porto; Jorge Araújo, do Porto, preso a primeira vez em 1958, com 22 anos, e que ali viria a ser agredido a soco, a pontapé, e à régua, nas partes mais sensíveis do corpo, e que esteve 11 dias e 11 noites sem dormir; Mário Sá Lopes, do Porto, preso em 1951, agredido a soco e a pontapé, e batendo-lhe com a cabeça nas paredes, 7 dias e 6 noites sem dormir, um ano e quatro meses em regime de isolamento; Maria José Ribeiro, de Matosinhos, presa em 1962, com 25 anos, agredida a soco e com um chicote, um mês incomunicável; Hernâni Silva, do Porto, preso a primeira vez em 1960, com 23 anos, agredido a soco por 5 agentes, ao ponto de lhe rebentar o sangue pelo nariz e ouvidos, e chicoteado nas pernas durante sete horas, um dia, e 6 horas noutra dia, 14 dias de escaves numa cela subterrânea, e novamente preso em 1952, a cinco meses e meio isolado nas celas subterrâneas; Mário Araújo, de Fafe, preso, a primeira vez, em 1956, com 20 anos, mantido 6 meses numa cela subterrânea; e muitos outros que nas instalações da PIDE começaram a ser vítimas da sua obragara e herética luta contra o fascismo e em defesa do povo português.

E, finalmente, não se pode deixar de recordar os nomes de alguns dos assassinatos pela PIDE no Porto, como Gervásio de Costa, operário têxtil de Fafe, que em consequência das torturas tuberculizou, em 1949, na Delegação no Porto da PIDE, vindo a morrer pouco depois; Manuel da Silva Júnior, vindo a morrer pouco depois; Orlando da Costa, que a PIDE pretendeu ter-se suicidado em 3 de Março de 1957, tal como pretendeu também apresentar como

13

explicativo, em 13 de Fevereiro de 1957, a morte do barbeiro de Fafe, Joaquim Lemos de Oliveira, após nove dias e nove noites de tortura da extáticos e com as agressões de que foi vítima a soco, a pontapé e a cavalo-marinha.

Ao imagens da Delegação da PIDE-DGS no Porto estão indissoluvelmente ligadas a tantas vidas e mortes que ali foram torturados. E será com a trágica recordação dessas imagens que o povo português saberá dizer não ao fascismo. O fascismo não voltará a Portugal. O fascismo não passará.

Raul Castro

SETIMA ODE

(Fragments)

Uma esperança nova nasceu
Uma esperança nova nasce
Nasce e renova entre nós.
A voz do canto comum

Caminha entre os homens como o sol
E o vento em florestas antigas
Despida e nova como o fogo saído das mãos
Despida e simples como o pão e o leite das madrugadas.

Esperança nova que nasce
Despedem-se as popolas do chão
E vermelhas apontam agora
Do alto das calheiras que adormem
As raízes do canto comum

1955

Orlando da Costa

— 15 —

O estremecimento popular que o 25 de Abril fez explodir está ainda em fase crescente. A libertação dos presos da Rua do Heróismo é esperada de um momento para o outro.





PRISIONEIRO

O prisioneiro é como navio
preso ao cais. Amarras de desterro
como ferrugem de noites a fio
e redes de ferro.

Do casco que um vento negro impelle
caiu-lhe a pintura, o próprio nome.
Mas o mar está dentro dele
e não há força que o domine.

1964
Luís Vazga Leitão

21



Advogados e membros da Comissão de Socorro aos Presos Políticos estão presentes enquanto a libertação se dá. A queda do fascismo encontra nesta libertação uma das suas mais seguras expressões.



ENGANAM SOB A APARIÊNCIA DOMÉSTICA...

Estes cães são ferozes, devia
estar escrito. Nada porém
desvenda à luz o facto,
o vau por onde escapar
aos colmilhos das feras.

*Impunes, desferçados,
organizam a ofensa
e a uma esquiva, zilda,
a mordedura colhe-te.
Nada finste e já
põeira no alvão.*

Algumas contravenem, ganham
o preço do rasgate, musoulam
a cinza dos dedos mutilados.

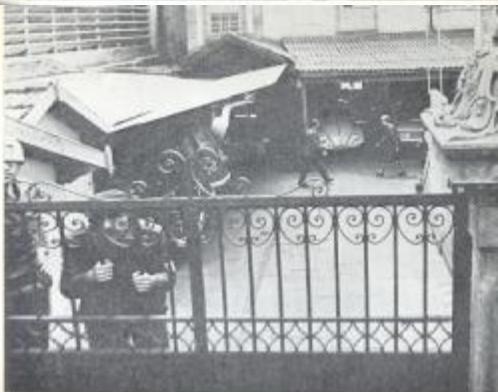
Deviam inverter as grades. Deviam
estar abertos os caminhos.
Deviam ser mantidos em curto-
circuito, ali, entre os arames,
rotulados, bem longe: cães
ferozes: perigo!

1963

Egito Gereches



Os agentes da Pide-DGS vêm chegando um momento que não senharam. Os rostos sombrios devem recordar o que eram as suas enormes ditamentos aos presos políticos e interrogarem-se sobre que enormes os esperam.





DESTE LADO DO MUNDO

Deste lado é que se morre
com as mãos presas aos pés
deste lado é que se corre
o medo de lés a lés

Deste lado é que se grita
com a garganta em gangrena
deste lado é que se fita
o outro lado da cera

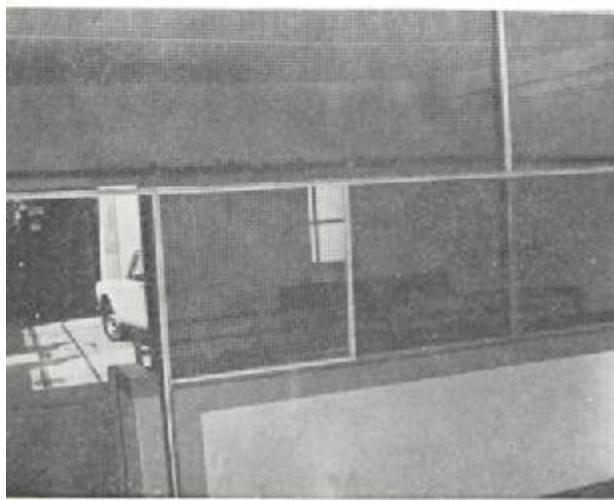
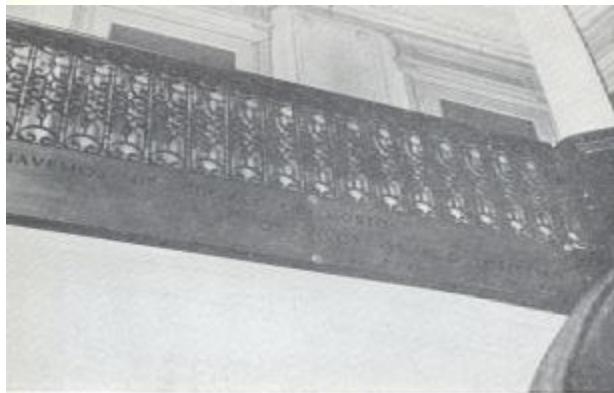
Deste lado é que se morre
com a garganta em gangrena
deste lado é que se corre
loucamente entrando em casa.

1964

Fernando J. B. Martinho



Aspectos do interior da que foi túmulo temporário para tantos, definitivo para alguns.





A MINHA GERAÇÃO

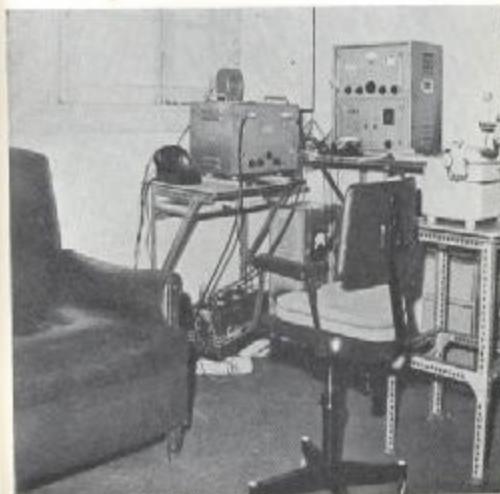
A minha geração é de esperança,
de trabalho e esperança, e de canções difíceis.
A minha geração escreve poemas
com o mesmo suor que ao calceteiro
corre da fronte, quando martela a rus.

Não deveis enganar-vos: cada verso
tem um selo fraterno caminhando
para a branca cidade sob o sol.

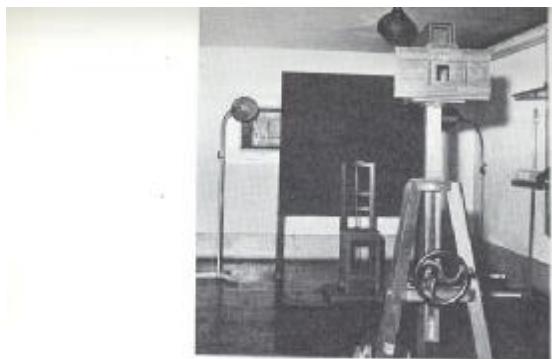
1963

Fernando Assis Pachios

43



A complexa aparelhagem de escuta e gravação das conversas telefónicas, o gabinete onde eram fotografados os presos, e outros aspectos que desvendam os processos usados para aflijar a liberdade do povo português.

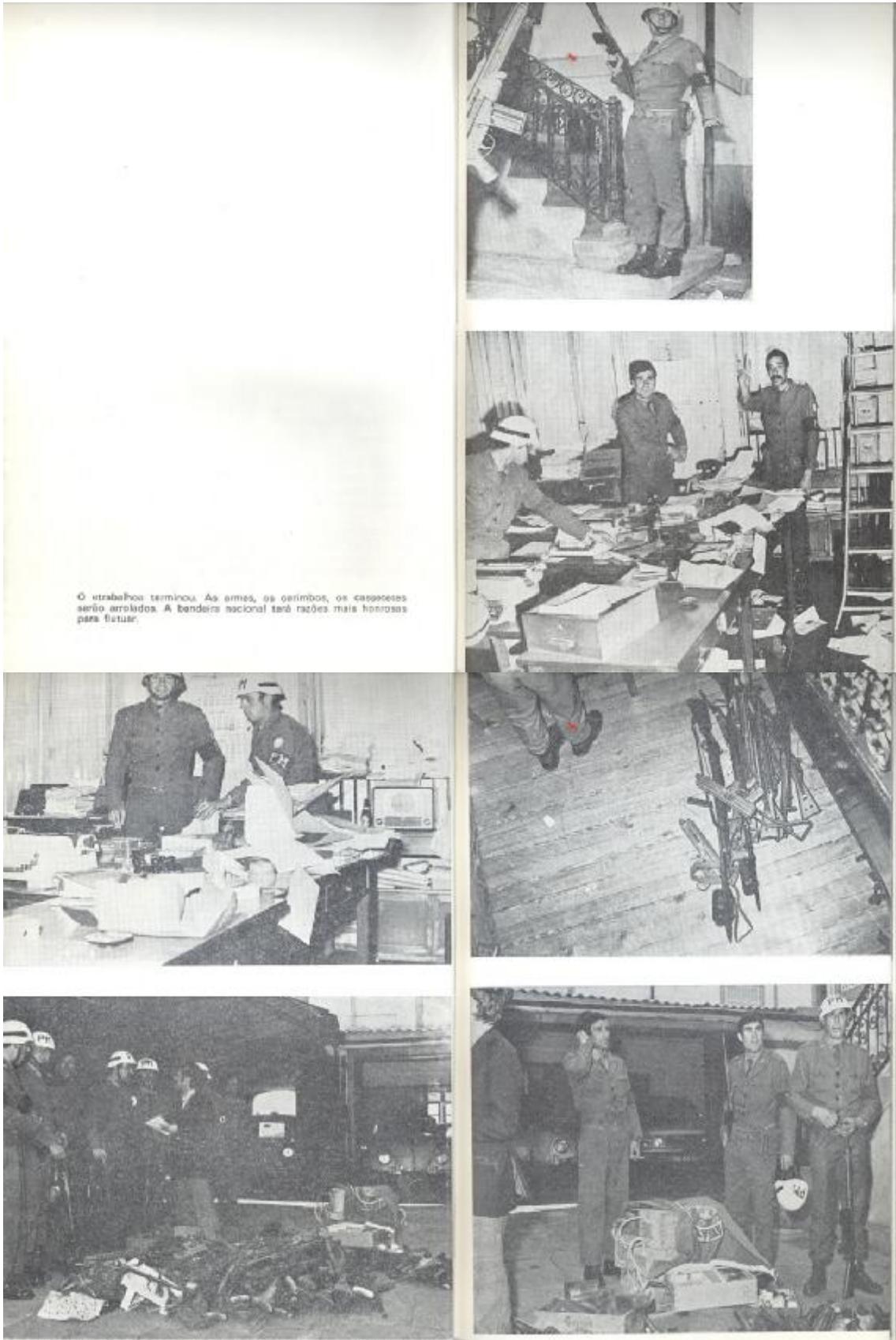


METAMORFOSES
(Fragmento)

Neste tempo de armas aperradas
neste tempo de laços e espiões
neste tempo de sangue e de fantasmas
nesta noite de ódios e alçapões

passam por nós os ases facetas
de vultos fraternais e as visões
de coloridos rostos e das margens
que nos decidem hoje pra depois

1962
João Rui de Souza



O trabalho terminou. As armas, os círculos, os caixões
serão arrolados. A bandeira nacional terá rachões mais horrores
para batuir.



PATRIA LUGAR DE EXILIO
(Fragmento)

Mergulhamos as raízes na terra desventrada
confundimo-nos com ela
as nossas mãos florescem
e o vento leva a todo a parte o nosso desafio

Contra isto nada podem as armas a polícia os
exércitos
a prisão a tortura
somos mais fortes do que tudo
somos a alegria
mesmo no fundo das masmorras cantamos
os pássaros aprendem as nossas palavras de
esperança

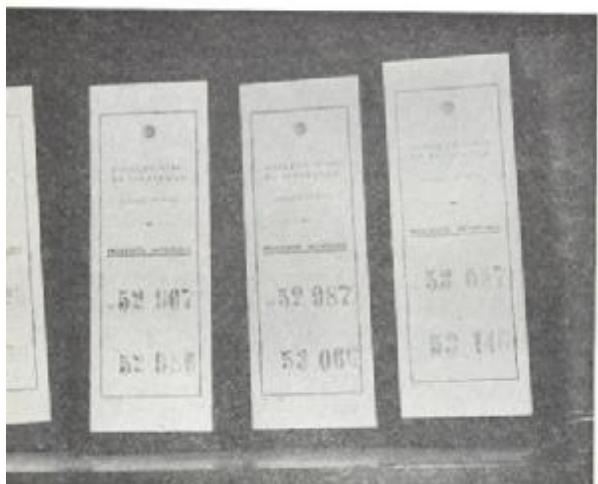
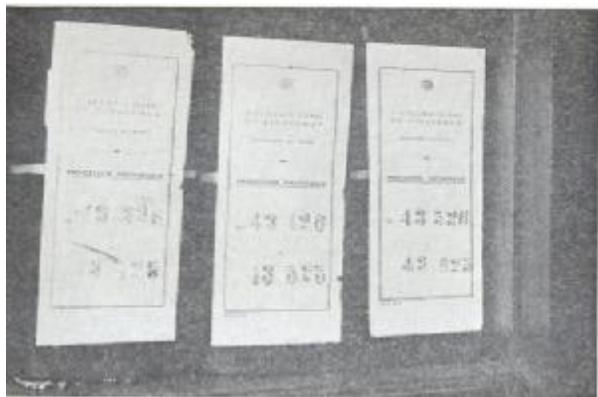
1963

Daniel Filipe



Os ficheiros, por ordem alfabética, e os arquivos fotográficos dos milhares de pessoas perseguidas pelo PIDE, imagens da vastidão da actuação repressiva do PIDE.





A QUEIMADA

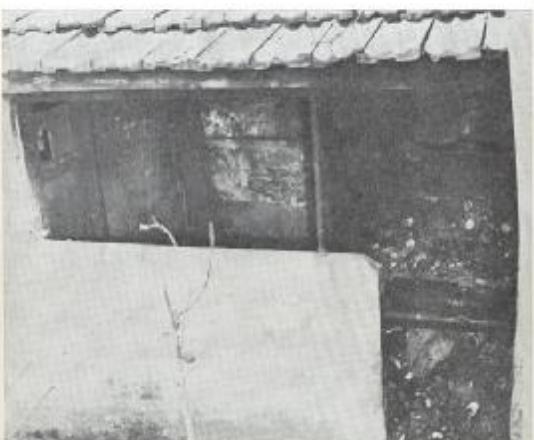
A erva daninha era o escalecho.
Nós o arrancámos.
Depois berdimos fogo à planície.
Nada houve tão necessário
desde o fundo dos tempos.
Cresceram chamas até aos astros
e o clamor de nossa voz
foi um canto de certeza
na boca do vento.

Agora o nosso olhar possui a planície.
Nós trazemos as águas.
Nós trazemos o arado e as sementes
e suamos sangue:

Irmãos, a planície é nossa!

Papiniano Carlos

63



Talos de couves e restos de papel queimado. Inócula paisagem
do covil de uma associação de malfeiteiros.



POEMA

Do rubro ao roxo, em sete cores de estio,
tous passos reverbera, o liberdade,
e dou-te a praia aguda de navio
para demandares outra cidadé.

Do rubro ao roxo, em sete cores de frio,
a traços de aço, clara liberdade,
te dou de cada gume o gesto esguio
e peço que o transformes em cidade.

Do rubro ao roxo, que demais demente
se assoma mais doente cada hora.

Do rubro ao roxo, em sete cores de gente,
Do rubro ao roxo, em sete cores de agora

1920

Luisa Ducha Soárez

67



ITEMS ENTREGUE A SISTEMA	Q. UND
ENTREGUE A SISTEMA	1.040
ENTREGUE A SISTEMA	1.179
ENTREGUE A SISTEMA	1.232
ENTREGUE A SISTEMA	1.236
ENTREGUE A SISTEMA	1.237

ITEMS ENTREGUE A SISTEMA	Q. UND
ENTREGUE A SISTEMA	1.319
ENTREGUE A SISTEMA	1.319
ENTREGUE A SISTEMA	1.394
ENTREGUE A SISTEMA	1.394
ENTREGUE A SISTEMA	1.394

Diversos documentos recolhidos ao arado, alguns que o fogo
as mordera e consumir. Quemar papel é por vezes tarefa difícil:
os militares antissemitas têm dessa maior experiência.

1649

Linha 1

Cartão de postal "A Baptista"

Este telefonema para o Baptista, em sede daquela época, é particularmente curioso, visto que o nome do destinatário é uma espécie de pseudónimo, não utilizando assim o nome de baptista. Pode-se dizer que este nome, que é sempre empregado, entre outras razões, para se esconder, é sempre considerado, mas a verdade é assim e é sempre o oposto da vida a certas pessoas. Pode-se dizer que é uma forma de trabalho, mas quase sempre desempenhado de modo que não querem saber.

28/1/72

1649

Linha 1

Cartão de postal "A Baptista"

Este telefonema, particularmente de fascínio, é sempre feito por um homem de Lisboa, de Braga para lá ou "de Lisboa".

27/1/72

LIVROS ENTRE OUTROS

CONTOS SOBRE LÊVING

PASOES E SÍLBIAS AUTO-ANALÍGICAS

O CURSO DO TRITICERO

ESPANTAS DA CUNHA

CONTOQUEIRIAS SOCIAIS DA
MAGIARIA AUTOMATIZADA

JO FARRAS NO MÉDIO

MARX E OS SINDICATOS

UMA FARSA ELEITORAL



DIRECTORIAL
DE
MUSICA

ESTAMOS AQUI, DEPOIS DE TANTO TEMPO DE DESCONHECIMENTO, DE
PENSAR SE JUNTAMOS OS DEDOS, ASSIM COM AS MÃOS, E AINDA A ENCONTRAR ALGUM
JEITO DE MANIFESTAR A AMBIÇÃO QUE NOS PODE FAZER VIVER ALGUMAS
DAS COISAS QUINTESSENTIAIS DE NOSSA VIDA, DE MELHORAR, ASSIM, A QUALIDADE DA
EXISTÊNCIA DO ANCIANO, DEIXANDO-O, ALÉM DA MELHOR, ALÉM DA MELHOR,
A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR,
A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR, A MELHOR,

DATA: 1 de Julho de 1972

O DIRECTOR

(Assinatura)

DEPOIMENTOS DE EX-PRESOS POLÍTICOS

A Delegação no Porto, da PIDE, era apenas um elo da espantosa e sinistra organização que operava em Portugal e Colónias, pelo que se pode talvez dizer que nunca uma polícia de tsarolândios operou sobre um território tão vasto, teve, de extremo a extremo, uma tal distância a cobrir. A história desse associado de malfeitos está por fazer e, por agora, só uma ponta do véu estará levantada. Dos depoimentos já vindos a fome extrairam alguns excertos que servem para ilustrar um pouco o que Marcelo Cestano parece ainda, com uma desfazendo que de modo algum surpreende, ter a coragem de negar.

RELATO (FRAGMENTO DO PROF. DR. LINDLEY CINTRA DE UM DOS INUMEROS ASSALTOS CONTRA A UNIVERSIDADE PORTUGUESA) MAIO DE 1973

Foi neste intervalo que, subitamente, pela retaguarda, alertado por gritos dos estudantes, vi surgir polícias de choque, acompanhados de cães. Invadiram o edifício, primeiro pela porta que servia de comunicação com o pavilhão pré-fabricado, depois pelas janelas do próprio bar. Dirigi-me inicialmente à porta por onde, saltando um esboço de barreira construída pelos estudantes com móveis, os primeiros guardas e um cão acabavam de entrar. Identifiquei-me como professor e tentei falar com o graduado que acompanhava o grupo. Dificilmente conseguui fazê-lo, enquanto os guardas iniciavam o espancamento de alguns estudantes. Um grupo destes, vindo do corredor da fundo, conseguiu

recuaram-se à minha volta e puderam sair pela porta que comunicava com o corredor onde se encontrava a entrada do bar. No meio do pânico que se estabeleceu, surgiram os guardas que tinham entrado pela janela. Ainda uma vez tentei intervir, identificando-me sem resultado. Vi cair alguns estudantes feridos sangrando abundantemente e procurei ainda uma vez junto do vestírio pedir que suspendessem a intervenção. Fui nessa altura agredido, eu próprio por um dos guardas que, depois de me dar um pontapé na perna direita, se serviu do cacetete para me dar um golpe na cabeça próximo da nuca. Naturalmente entoecido, aproximei-me de um estudante que, caldo no chão, junto de berçoada, tinha o rosto, a camisa e as mãos banhadas em sangue e mantive-me junto dele até o momento em que me foi possível levantá-lo e conduzi-lo, amparando-o em direcção à porta do edifício, onde nesse momento se acumulavam carros da polícia de choque. Impedido de introduzir o ferido num carro particular, acompanhei-o para o interior do carro da polícia para onde o levaram. Ali se lhe veio juntar outro estudante ferido na cabeça. Oviu nesse momento ordem no sentido de os feridos serem transportados para a esquadra do Rego.

Para ali seguiu efectivamente o carro e tanto os dois feridos que acompanhava, como um terceiro, que foi transportado num automóvel, também da polícia, foram ali desembucados. Pude então verificar que não havia neaquele lugar qualquer possibilidade de os socorrer. Apenas lhes pôde ser dada água de uma torneira que se encontrava no quintal. Aguardámos sem que fosse viável qualquer auxílio sem comunicação com o exterior, até que surgiu na esquadra o capitão Matilho, da Polícia Móvel. Ao manifestar a minha indignação com o que se tinha passado e estava passando, ouvi-lhe como resposta que a Polícia de Choque tinha sido chamada pelo director da Faculdade. Convidei-o a sair — mas, perante a minha insistência em acompanhar os feridos, permitiu-me por fim continuar com eles. Fui nessa altura identificado por escrito uma primeira vez.

74

RELATO (FRAGMENTO) DO PRESO, MIGUEL DÍA PEREIRA DA COSTA, DA SUA ESTADIA NO CAMPO DO TARRAFAL, 1944

A gusa da esclarecimento da vida de algumas portuguesas, indefesas e torturadas, isoladas do mundo aquela Campu, e condenadas a extermínio lento, vou apresentar apenas alguns dados, ao caso, em estilo telegráfico, para não roubar mais do que uns momentos ao preciosíssimo tempo da V. Ex.

O médico do Campo é um cruento inqualificável

As vítimas tuberculosas, com os pulmões a desfazem-se em pus, eram dadas como boas, dizendo o médico: é das poucas boas; na época das chivas diz: é da triunfo para os pasteis verdes.

Os porcos com trquinose são aproveitados, dizendo o médico: não tem importância; os presos pedem para cozinhá-los o porco separado do arroz, para comerem ao menos este, alegando que não fica mais caro pois a comida é cozinhada por eles próprios.

Resposta: não importa, mesmo que fique mais caro 500; o que interessa é que não comam.

A um preso com úlcera gástrica, e ao cabo de sete anos de dieta lúcta, resolveu o médico, sem qualquer observação clínica, passá-lo a rancho geral. O preso, em cara, pede a intervenção do director, que anula aquela decisão. O médico insiste. Nova intervenção do director que acaba por vencer, somente à terceira idemarcha do preso.

No mês de Setembro, quando as laranjas são ácidas, os presos podem comprá-las, para ajudar a empurrar o arroz, diz o médico. No mês de Outubro, já melhores, só com receita médica entram no Campo. No mês de Novembro, quando elas são boas, é proibida a entrada, por produzirem báls na opinião do distinto clínico.

O sulfato de nídio, como laxante, é rationado. Não toma sulfato quem tem necessidade clínica, mas quem tem direito a ele, por antiguidade (numa lista

75

é tomada nota da data em que é distribuído aos presos).

Estes podem comprá-la, mas se é passada busca ao Campo, é retirado o sulfato.

Nestas buscas pouco fica: são levados remédios, garrafais, escovas de dentes, bancos, etc.

O sabão distribuído a cada preso mentalmente é levado nestas buscas, para o mesmo ser redistribuído no mês seguinte. Mas é ainda distribuído aquele que os presos compraram com o seu dinheiro e que também foi levado na busca.

RELATO (FRAGMENTO) DO ENFERMEIRO ROBERTO DE AMARAL, RELATIVO À PRISÃO DA MACHAVA, MOÇAMBIQUE, 1972.

No Machava, para além de ter sido espancado, foi colocado numa sala onde me amarraram com os braços erguidos por sobre a cabeça. No meio do comportamento havia uma borraça de grandes proporções presa ao tacto. Esta borraça era enroscada até ao limite máximo. Depois soltavam-na e ao desenrolar-se em velocidade vertiginosa atingia-me sem que tivesse oportunidade de esboçar qualquer gesto de defesa. Nessa sala, à altura da cabeça dos presos, poderão ver-se manchas de sangue coagulado nas paredes. Essa tortura era designada por «pancunha».

Pouco desde já dizer que o Joel, conhecido recrutador da Frelimo, morreu à forca na cadeia da Machava. Esta tortura não era para todos. Geralmente, quando os presos em número de dois mil, expressavam o seu descontentamento sobre a quantidade da comida, ou a falta de cobertores, ou qualquer outro assunto, os agentes apuravam de onde partiu o protesto. Havia entre os reclusos elementos que informavam a Polícia. Eram os indicados, os considerados, que iam para a tortura de fome ou sede. Sim, é verdade, chegavam a urinar para matar a sede, e quando já o não conseguiam fazer pediam aos agentes que urinassesem para as suas mãos...

Percorri os corredores com uma bandeja de medi-

camentos. Os presos, alguns deles acometidos de doenças, pediam encarecidamente medicamentos. Estava proibido de os fornecer e se o fizesse era severamente punido. Quando havia reclusos já na agonia chiamavam-me. Não me deixavam prestar-lhes assistência. Pretendiam que apenas confirmasse se estavam para morrer.

Havia presos que, depois de torturados (a cadeia dispunha de polimatérias, correntes de bicicletas, castigos e outros utensílios) não conseguiam resistir à imagem de uma nova tortura. Suicidavam-se, usando na maioria das vezes o coberto.

Chamavam-me para verificar o óbito. No livro de mortos era obrigado a inventar uma doença que justificasse o falecimento. No entanto, a título particular, colava um sinal a lápis de carvão junto do nome daqueles que se suicidavam ou que eram mortos. Facultava-me essa livre, o dia mortos, e eu apontava qual os que sucumbiram nessas condições...

Para além dos castigos corporais, a comida era pouca e, quanto a dormidas, devia esclarecer que um lençol e uma almofada casal tinham de cobrir seis a sete pessoas. A refeição diária da comida distribuída na Machava, para um número de dois mil reclusos, com três refeições por dia, era: 250 quilos de farinha; 80 quilos de arroz; 80 quilos de feijão.

A PIDE-DGS gastava 35 contos semanais em farinha, carne, paixá, hortaliça, azeite, sal, açúcar, amendoim, lenha, feijão, cebola e arroz. Isto representa 250 diários para cada pessoa.

JULGAMENTO DE ANTONIO JOAQUIM GERVASIO, TRABALHADOR AGRÍCOLA

A 22 de Fevereiro de 1972, no Tribunal Plenário de Lisboa, compareceu a julgamento António Joaquim Gervásio, trabalhador agrícola, membro do comité central do Partido Comunista Português. Segundo os próprios agentes da PIDE que testemunharam os seus interrogatórios em substituição do advogado, António Gervásio recusou-se a responder a todas as perguntas.

76

77

Não havia provas contra ele, mas o tribunal condenou-o a 11 anos e 8 meses de prisão maior e medidas de segurança.

INTERROGATÓRIO DE FRANCISCO INÁCIO DA COSTA

Como te chamas e de onde és?

Respondi: Francisco Inácio da Costa, sou natural de Montemor-o-Novo.

O píde tinha à sua frente um mapa escrito em cera, o qual tinha sido apresentado e à base dele comecei o interrogatório dizendo-me o seguinte:

Bom, é esse então o teu nome!... Agora preciso saber... mas já! O que isto quer dizer? Continuando, mas já com um aspecto de ferocidade que até então tinha pretendido encobrir, e dando estalinhos com os dedos, como um domador de círculo, intimidou-me:

Fala cabrão, filho da puta! Andá bandido! Esta hora é de vida ou de mortel! Escolhe!

Era estava estupefacto, mas respondi simplesmente: Não sei o que isso quer dizer nem tenho mais declarações a fazer à Policia! Como que impelida por uma mola, avança para mim, agarra-me as mãos e torque-me os dedos obrigando-me a gritar de dor. Ouvi-o soltar urros como uma fera até se decidir: — Vamos para o massacre.

Aqui acabou o interrogatório que durou o máximo de 3 a 4 minutos. Então, juntamente com o seu ajudante, começou a socar-me tão barbaramente na cabeça, no peito e sobre o coração que eu caí várias vezes no solo, quase sem forças para me levantar. Quando as perdi totalmente e fiquei inerte estendido no chão, depois de me atingirem com pontapés por onde calhava, agarram-me então pelos cabelos, arrastando-me por todo o gabinete e em seguida atiraram-me ao ar, como se estivessem num campo de jogos, treinando-se em lançamento de pesos. Riam e brincavam ao mesmo tempo, dizendo um para o outro:

Não vês, o cabrão que come rango...

Só me largaram quando me julgaram morto e

viram o sangue, juntamente com os cabelos que me arrancavam, em pastas nas suas garras. Riam-se, sanguinosos, como crianças salvagens a quem dava diversimento macabro. Senti ainda umas fortes pancadas nas costas, que pense terem sido dadas com uma cadeira e, passados momentos, tudo desapareceu à minha volta, caindo num obscuro. Quando horas depois fui acordado desse sono mortal, encontrei-me na cela, estendido na temida, sentindo dor em todo o corpo.

RELATO (FRAGMENTO) DE CARLOS COUTINHO, 1973

O pior de tudo era, porém, a tortura acústica. Depois de oito dias sem dormir, dois pídes agarravam pelo braços e arrancavam-no em volta de uma mesa numa sala construída para o efeito, onde a ressonância aumentava desmedidamente qualquer pequeno barulho. Durante quatro dias, revezando-se os carregos de dez em dez minutos, Carlos Coutinho sofreu este tormento, com os pídes a berrarem-lhe as novidades. Foi de tudo, o pior. Quando desfalcava acordavam-no a pontapé. Chegado ao limite das forças, dormiu quarenta horas e durante meses não conseguia recordar os movimentos e só pouco a pouco foi readquirindo a memória.

TORTURAS A QUE FOI SUBMETIDO JOSE PEDRO SOARES

Após nova estadia em Caxias, iria começar o último, mais pesado e mais prolongado período do martírio a que José Pedro Soares esteve sujeito.

De novo na sala de martírio, os agentes revezavam-se de três em três horas para não deixarem o preso dormir. Repetiam-se as cenas de pontapés e socos por todo o corpo, agora alternados com batiscões e a obrigação de manter a posição de sentado, com os braços levantados a altura dos ombros.

Quando os braços baixavam, os agentes procuravam atingi-los com pontapés, ficando o preso em estádio de não poder sequer fechar as mãos. Quando o

preso insultavam os guardas pelo procedimento feroz a que se entregavam, os espancamentos intensificaram-se. Passados alguns dias, entrou o agente Ricardo Graça com outro grupo e mandou o preso arreigar as calças para que todos vissem os ferimentos nas pernas. Depois puxou de um cavalo-marinho e disse: Agora vai ser assim. Começou a chicoteio brutalmente. Ao fugir de um lado para o outro o preso ia sempre atingido a soco e a pontapé pelos outros agentes. Desvairado com as chicotadas recebidas no corpo e na cabeça, o preso atingia um dos agentes com um violento soco na boca, rebentando-lhe um dente.

O preso recusava despir-se e por fim foi forçado a deitar-se no chão, mantendo as pernas levantadas a um palmo do chão, sendo chicoteado quando os pés baixavam. Não aguentando mais, o preso levantou-se rapidamente, sentiu novamente espancado até que alguém gritou: «Já chega». As costas estavam inchadas à ponto de ser incapaz de mover os braços, ambos os olhos ensanguentados, os lábios rebentados, os restos das calças e da camisa colados às muitas pustulas de sangue que tinha pelo corpo todo.

Recebeu por duas vezes tratamento de um médico e várias outras vezes de um enfermeiro. Posteriormente voltou a ser chicoteado pelo agente Ricardo Graça e mais dois agentes, que utilizavam um chicote de tiras de couro entrançado.

Para além de tudo, os agentes não pouparam o preso a escarras na cara, ofensas à família, ofensas possessas, horas de estátua e caprichos vários para se divertirem durante a vigília a que o submetiam. Faziam por exemplo tombar a cadeira que o preso por vezes era autorizado a utilizar, acordando-o, quando fechava os olhos, com estrondos feitos de surpresa, copos de água atirados à cara, etc.

Antes da visita que lhe foi autorizado receber a seguir a este último interrogatório, foi avisado de que nada deveria dizer do que se passava com ele, pois se assim fosse interromperiam a visita imediatamente.

José Pedro Soares sofreu um total de 820 horas de interrogatório e 21 dias e noites sem poder dormir.

Permaneceu isolado desde 1 de Julho até 17 de Setembro.

RELATO DE FRANCISCO MIGUEL

Sou uma das pessoas que podem realmente falar de que era o regime anterior no aspecto repressivo. Fui preso várias vezes, passei oito anos no terror, fui uma das pessoas em que eles aplicaram os métodos de tortura mais violentos. Fui barbaramente espancado como não supunha antes ser possível espancar uma pessoa. Errei seis agentes; entre eles o José Gonçalves, que está agora preso em Caxias, o Roas Casaco, que está a ser procurado, e mais quatro de que não me lembro o nome. Espancavam-me durante a noite, com intervalos para elas repousarem. Eu tinha as mãos algemadas. Da segunda vez que fui preso, é talvez porque a Policia tivesse ficado convencida de que o espancamento no meu caso não lhes daria nenhum resultado, só me deram um soco para não passar sem ser agredido. Passei a ser submetido à tortura de estátua.

Estive um primeiro período de 11 dias e 8 horas, depois estive 40 horas numa cela sempre a dormir, voltei a ser torturado durante mais de 10 dias e depois de algumas horas de descanso durante mais 9 dias. O próprio agente que me prendeu, o Gouveia, dizia-me: «Você vai contar isto lá fora e ninguém acredita».

RELATO DE MARIA CHIMENTE

A mulher pide que me estava a guardar no momento, chamada Odete, e de aspecto franzino, tentou persuadir-me a comer mas, como eu não o fizesse, mandou-me tirar os brincos, o relógio e o anel, ficando só com a aliança. A poucos momentos de ser rendida, deu-me umas bofetadas para me convencer a comer. A seguir entrou outra, chamava-se ela Assunção, e pelo que ouvi dizer aos colegas, tinha transitado da Judiciária para a PIDE. Assim que entrou, com o seu ar cinzento, colocou um saco de grandes dimensões em

cima da mesa. Eu sabia que elas batiam, mas não com cacete, e pensei que era para me assustar. Quando me recusei a comer disse-me que os preceos não tinham querer o portanto elas mandavam e nós tínhamos de obedecer.

Espancava-me durante toda a noite, apenas com pequenos intervalos. Para ela descansar, sair para o corredor, afegante e a abanar-se, tão cansada estava.

Levantava-me a sair e espancava-me com o cacete até se cansar. Foi de tal maneira brutal, que fiquei negra da cintura até à curva da perna. Deu-me também uma série de bofetadas, que quase deixei de ver de olho esquerdo devido ao inchão.

Disse-me então cínicamente que já estava na Comissão.

Quando tentei defender a cara foi tal a dor ao receber a pancada do cacete na mão que pensei que ficara partida. A mão ficou toda esverdeada e inerte, pois só com a outra conseguia elevar.

As pancadas na nuca são horríveis e deu-me tantas em tipo de cutelo que me dava a sensação de que a testa se abria. Aquela mulher mal parecia uma fera do que um ser humano; pegava-me pelo cabelo e fazia-me andar de um lado para o outro com tanta força que quando me largava quase caía. Eu penteara-me e o cabelo arrancado era aos montes.

Quando se convenceu de que não me fazia dormir apertou-me o nariz com força e meteu-me um copo de leite nos lábios. A sua fúria foi indescritível ao ver que nem assim conseguia o seu intento. Então despejou-me o leite na cara e continuou a espancar-me. Pôs-me em seguida de estátua no meio da sala.

O ÚLTIMO DIA DA PIDE
(26 de Abril no Porto)

Não composta e impressa
nas Oficinas Gráficas da Casa Nor'Alvares — Porto
Moldo e capa executado na Litografia Pátria

Durante 1974

